

# A Cachoeira do Teotônio após a tempestade: paisagem de pesca dos indígenas Caripuna (1868)

## The Teotônio Waterfall after the storm: fishing landscape of the Caripuna Indigenous people (1868)

Cliverson Pessoa<sup>I</sup>  | Angislaine Freitas Costa<sup>II</sup> 

<sup>I</sup>Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, São Paulo, Brasil

<sup>II</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro. Museu Nacional. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** O artigo apresenta a análise de uma aquarela inédita, intitulada “Cena de pesca após a tempestade” (1868), assinada por José Keller durante sua expedição à Amazônia. A partir da narrativa do itinerário de viagem de Franz Keller-Leuzinger, a pesquisa oferece uma contribuição ao examinar como imagens históricas podem revelar aspectos que não são encontrados nas fontes escritas, enriquecendo a compreensão do contexto histórico. A abordagem adotada investiga os fios que se entrelaçam no tecido social das transformações da paisagem, permitindo identificar o modo de habitar dos indígenas Caripuna na antiga Cachoeira do Teotônio. O estudo propõe, assim, uma reflexão sobre o potencial das imagens como fontes históricas e de inspiração etnográfica, ampliando as possibilidades de interpretação da história indígena no alto rio Madeira.

**Palavras-chave:** Alto rio Madeira. Aquarela. História indígena. Paisagem.

**Abstract:** This article analyzes an unpublished watercolor titled “Cena de pesca após a tempestade” (1868), signed by José Keller during his expedition to the Amazon. Drawing on the travel itinerary narrative of Franz Keller-Leuzinger, the study contributes to the understanding of how historical images can reveal aspects that are absent from written sources, thereby enriching interpretations of the historical context. The adopted approach explores the threads interwoven in the social fabric of landscape transformations, enabling the identification of the way the Caripuna Indigenous people inhabited the former Teotônio Falls. Thus, this study reflects on the potential of images as historical sources and as ethnographic inspiration, broadening the possibilities for interpreting Indigenous history in the upper Madeira River region.

**Keywords:** Upper Madeira river. Watercolor. Indigenous History. Landscape.

---

Pessoa, C., & Costa, A. F. (2026). A Cachoeira do Teotônio após a tempestade: paisagem de pesca dos indígenas Caripuna (1868). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 21(1), e20240051. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2024-0051.

Autor para correspondência: Cliverson Pessoa. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Av. Prof. Almeida Prado, 1466. Butantã, SP, Brasil. CEP 05508-900 (cliversonps@usp.br).

Recebido em 04/07/2024

Aprovado em 30/09/2025

Responsabilidade editorial: Lucia Hussak Van Velthem



## INTRODUÇÃO

A aquarela intitulada “Cena de pesca após a tempestade”, assinada por José Keller, que retrata indígenas à margem de uma cachoeira, encontra-se atualmente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A obra foi furtada e reapareceu em dezembro de 2018, após quatorze anos desaparecida, sendo então devolvida à instituição (Finotti, 2018)<sup>1</sup>. A partir dessa imagem, busca-se fornecer uma descrição do contexto histórico, identificar os povos retratados e contribuir para compreensão de uma dimensão da paisagem. A identificação mais provável do local retratado pode ser encontrada na documentação do trabalho de levantamento da região do alto rio Madeira realizado por esse engenheiro, durante a expedição pelas dezenove cachoeiras ou corredeiras, no atual estado de Rondônia.

Os Keller, incluindo seu filho Franz Keller-Leuzinger, tornaram-se conhecidos por essa expedição em 1868, que resultou nos primeiros estudos de viabilidade para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), contornando mais de 360 km de malha fluvial encachoeirada. Seus escritos serviram de base para o projeto moderno da ferrovia, como “Exploracion del rio Madera en la parte comprendida entre la Cachuela de San Antonio y la embocadura del Mamorè” (Keller & Keller, 1870), publicado logo após a expedição. No entanto, foi a obra de Keller-Leuzinger, intitulada “Vom Amazonas und Madeira: Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise”<sup>2</sup>, originalmente publicada em alemão em 1874 e posteriormente traduzida para o inglês e francês, que trouxe contribuições para além dos interesses

técnicos do empreendimento. Este trabalho se aproxima mais dos estudos de história natural dos rios amazônicos, trazendo um mapa e diversas litogravuras (Keller-Leuzinger, 1875; Vergara, 2013)<sup>3</sup>.

Por outro lado, a aquarela “Cena de pesca após a tempestade”, produzida nessa expedição, não é mencionada nessas obras. Ela é uma fonte inédita, até pouco tempo desconhecida pelos pesquisadores que trabalham com imagens históricas, e talvez continuasse esquecida se não fosse devolvida à Biblioteca Nacional. Pensando nesse impasse, a proposta deste artigo é promover um diálogo dessa fonte como documento histórico e etnográfico, passível de análise da paisagem e seus componentes sociais (Schwarcz, 2003). Longe de ser entendida apenas como uma ilustração, a imagem do viajante deve ser lida como provedora de modelos e concepções que circulam e agenciam (Schwarcz, 2014, p. 393).

O presente estudo objetiva analisar a paisagem do alto rio Madeira a partir das imagens e dos textos produzidos pelos Keller durante a sua expedição. A metodologia adotada baseia-se em uma leitura integrada dessas fontes, na qual as imagens não são tratadas como meras ilustrações subordinadas ao texto, mas como conteúdos históricos em si mesmas. A abordagem segue os princípios da história visual, entendendo que as imagens, especialmente as aquarelas, funcionam como espelhos do passado: são carregadas de informações sobre tempo e lugar, revelando, consciente ou inconscientemente, modos de ver e representar o mundo. Conforme argumentam Bleichmar e Schwartz (2019), obras como pinturas

<sup>1</sup> Esta aquarela, juntamente com outras obras, está envolvida em uma complexa trama de roubos e furtos confessada por Laéssio Rodrigues de Oliveira à Polícia Federal, relacionada ao tráfico ilícito de bens culturais pertencentes a dezenas de instituições públicas brasileiras (I. Neves & Sanjad, 2021).

<sup>2</sup> A tradução completa desta obra para o português só foi realizada recentemente por Adriano Gonçalves Feitosa (Keller-Leuzinger, 2021). O capítulo II também recebeu uma tradução em português de Eduardo Constantino Borzacov, publicada no Caderno do CPARQH (Fonseca & Zimpel Neto, 2013).

<sup>3</sup> A obra de Keller-Leuzinger surgiu durante o início do processo de “vulgarização” da ciência no Brasil, um período em que eventos e revistas impressas passaram a ser um meio de divulgação do conhecimento científico para um público mais amplo (Vergara, 2008). No Rio de Janeiro, a revista *Ilustração Brasileira* e o jornal *O Vulgarizador* desempenharam um papel fundamental na disseminação de “Vom Amazonas und Madeira”. A primeira reuniu os quatro primeiros capítulos, suprimindo partes do texto e incluindo imagens desconexas, entre 1876 e 1877. O segundo publicou, em seus dois primeiros números de 1877, a narrativa e as imagens do encontro com os indígenas Caripuna, registrado no capítulo VI (Keller-Leuzinger, 1876, 1877; Vergara, 2013, pp. 92-93).

históricas não são apenas objetos, mas representações construídas de eventos, atravessadas por noções de temporalidade. O conteúdo reunido traça um caminho no qual é possível observar aspectos da relação que os povos indígenas tinham de habitar a paisagem e que nela deixaram algo de si como testemunho (Ingold, 1993, p. 152).

Inicialmente, realiza-se uma leitura do panorama da expedição de forma ampliada, contextualizando os elementos constitutivos do território recém-incorporado por Pedro II. Nessa circunstância, a descrição desses lugares transita por marcos coloniais europeus abandonados, inclui a representação da floresta como 'intocada', destaca a visibilidade das gravuras rupestres em pedrais e aponta para a presença indígena. Tais impressões evidenciam a tentativa de descrever e, por que não, dominar esse espaço dentro de um esquema geopolítico civilizatório, inserido em disciplinas como a antropologia e a arqueologia, ainda em formação no país (Barreto, 2000). Em um segundo momento, a análise volta-se para a paisagem retratada na aquarela à luz da abordagem fenomenológica proposta por Ingold (1993, 2015), com a formulação de três suposições sobre o contexto de sua produção. Por fim, argumenta-se que a visão dos Keller se entrelaça a um feixe mais denso de histórias indígenas, especialmente aquelas reveladas pelos vestígios arqueológicos, oferecendo uma via alternativa para compreender os processos históricos de longa duração.

A análise contempla a contribuição etnográfica sobre os Caripuna, povo de língua pertencente à família Pano, com registros históricos na região das cachoeiras desde o século XVIII (Hugo, 1959; Córdoba & Villar, 2009; Pessoa, 2024). Sabe-se que, nos encontros ocorridos nas cabeceiras do rio Madeira, observa-se uma multiplicidade de etnônimos atribuídos a povos dessa família linguística. Segundo Córdoba e Villar (2011, p. 110), tais denominações designam "uma trama variável de categorias que refletem articulações, mediações e relações". Essa complicada estrutura de nomenclatura constituiu tentativas de descrever as populações que habitavam a região fronteira entre Brasil e Bolívia. Essas viagens foram motivadas por interesses científicos,

políticos, religiosos e econômicos, em boa medida ligados à expansão do extrativismo. A intrincada dinâmica de nomeação desses coletivos refletia, em parte, as disputas coloniais. É possível que as expedições e os registros históricos tenham associado os Chacobo e Pacaguara aos bolivianos, enquanto os Caripuna foram vinculados aos brasileiros. Embora haja menções a esses etnônimos em séculos anteriores, os contatos mais bem documentados foram feitos no contexto da economia da borracha (Córdoba & Villar, 2009, 2011; Villar et al., 2009, 2010).

O etnônimo Caripuna aparece desde os primeiros registros históricos em contextos de confrontos ou alianças com seus vizinhos Pama (Hugo, 1959; Ramirez, 2010; Pessoa & Costa, 2014). Durante uma expedição científica em 1816, o zoólogo Johann Natterer anotou uma coleção de 150 palavras de um grupo que se autodenominava Jawnabo, posteriormente identificado como Caripuna; esse material veio a ser publicado mais tarde (Adelaar & Brijnen, 2014; Apontes & Kaxinawá, 2022). Já em 1889, Raoul de la Grasserie deu início aos estudos sobre a família linguística Pano, a partir da análise de sete línguas, entre as quais figuravam Caripuna e Pacaguara, embora as afinidades entre elas já fossem reconhecidas por missionários que atuavam no Peru e na Bolívia (Fleck, 2013, p. 34).

Inicialmente, acreditava-se que os diversos etnônimos do interflúvio Beni-Mamoré designavam apenas frações Pacaguara. Contudo, pesquisas antropológicas indicam que muitos desses nomes, antes tomados como etnias, podem, na realidade, resultar de parcialidades chacobo (ou *maxobo*). É o caso de grupos como Sinabo (povo lagarta), Capuibo (povo jacaré) e Yssabo (povo porco-espinho), entre outros (Córdoba & Villar, 2009, p. 214, 2011, p. 110; Villar et al., 2009, p. 20). Segundo esses autores, o que se delinea é um sistema regional do qual participavam os Pano meridionais. Nesse contexto, o etnônimo Jawnabo (povo queixada) parece se encaixar nessa lógica de nomeação, ainda que essa associação seja aqui apenas sugerida como possibilidade. Entretanto, vale esclarecer a confusão gerada pelo uso do termo Caripuna, que ao longo do tempo foi utilizada como

designação genérica para diferentes povos. Um exemplo emblemático ocorreu na década de 1930, quando o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) empregou essa denominação para nomear povos Tupi-Kawahíwa (Leonel, 1995, p. 41; Ramirez, 2010, p. 36). Esses grupos correspondem aos atuais Karipuna, cuja terra indígena está localizada entre os rios Formoso e Jaci-Paraná, em Rondônia. Considerando sua localização, é possível que esses povos tupi tenham estabelecido contatos tanto com a EFMM quanto com os seringais ativos no alto curso do rio Madeira.

A multiplicidade de nomes atribuídos aos povos Pano reflete os desafios da etno-história. Estão em jogo não apenas as disputas classificatórias, mas um conjunto de repertórios interpretativos mobilizados na construção de narrativas dos viajantes. Encontrar o lugar retratado em “Cena de pesca após a tempestade”, bem como apontar na direção das distintas temporalidades da paisagem, aciona tanto questões históricas do passado quanto do presente. Nesse sentido, problemas relacionados a longuíssimos processos de transformação da paisagem têm sido explorados arqueologicamente na área das últimas cachoeiras do rio Madeira. Esses estudos apontam não apenas para a região, mas também para os mesmos lugares retratados pelos Keller como sendo um antigo centro de domesticação e cultivo de plantas, datado desde os últimos nove mil anos (Watling et al., 2018, 2020; E. Neves et al., 2020). Esse processo resultou em um diversificado mosaico cultural, refletido na variabilidade artefactual existente, correlato de muitos jeitos de se relacionar com as margens das cachoeiras (Almeida & Kater, 2017; Bepalez et al., 2020; Kater, 2020; Pessoa et al., 2020; Zuse et al., 2020; Costa et al., 2023). O registro etnográfico e etno-histórico também dá indícios de um sistema regional multiétnico, do qual os povos que habitavam esses lugares se beneficiavam por meio das redes fluviais (Vander Velden & Lolli, 2021).

Esse contraponto é fundamental, pois, no século XIX, fabricou-se a ideia de que a Amazônia era uma região ‘vazia’, uma concepção reforçada pelos Keller e outros cientistas naturalistas, que acreditavam que a floresta havia sido pouco habitada pelos povos indígenas e que permanecia, até aquele momento, praticamente intocada. Reconhecer as temporalidades dessa paisagem por meio da longa história indígena implica compreender as profundas ações humanas nesses lugares e suas condições históricas (Kater & Lopes, 2021; E. Neves, 2022). As narrativas e as imagens dos Keller servem para nos lembrar desse habitat pelos Caripuna, cujos significados históricos e culturais relacionados à paisagem são investigados sem ignorar que esses textos e imagens foram forjados sob visões permeadas pelo colonialismo, que deprecia e desterritorializa essas populações por meio de relações de dominação e subordinação na “zona de contato”, confiadas principalmente às expedições imperiais (Pratt, 1999, pp. 27, 232).

## A EXPEDIÇÃO DOS KELLER AO ALTO RIO MADEIRA

Os Keller chegaram ao Brasil em 1857 com o objetivo de implantar ferrovias que conectariam cidades e localidades distantes da capital. Esse projeto representava um grande desafio para o Império brasileiro, que buscava integrar os territórios fronteiriços do país às vésperas da Guerra do Paraguai<sup>4</sup>. Os levantamentos realizados não se limitavam aos aspectos técnicos da ferrovia, mas também incluíam descrições detalhadas sobre a situação dos povos indígenas (Lovato, 1974). Essas expedições científicas evidenciam o investimento de Pedro II no reconhecimento de áreas remotas, na realização de um inventário do território e na delimitação de fronteiras (Wilke & Antunes, 2012, pp. 195-196; Vergara, 2013, p. 83). No entanto, tratava-se também de um processo de apropriação dessas terras

<sup>4</sup> A guerra com o Paraguai foi um marco para a expansão da pintura histórica no Brasil como emblema para reafirmar o Império (Schwarz, 2003, pp. 23-24).

já habitadas, buscando inicialmente um panorama dos recursos naturais e dos modos de vida da região (Carneiro da Cunha, 1992, p. 141).

Durante a reorganização geopolítica pelas quais passava o Império brasileiro, os litígios territoriais com a Bolívia e a intensificação da exploração de seringueiras levaram ambos os países a reavaliar a conjuntura de seus acordos e concessões com a abertura do rio Amazonas à navegação internacional e a assinatura do Tratado de Amizade ou de Ayacucho. O objetivo era consolidar o comércio fluvial e garantir à Bolívia uma rota de escoamento de seus produtos até o Atlântico, superando os obstáculos impostos pelas cachoeiras. Nesse contexto, ao serem incumbidos de explorar a região e propor os projetos

mais adequados, os Keller vislumbraram a construção de uma ferrovia como solução estratégica (Hardman, 1988; Vergara, 2013).

Na subida às 19 cachoeiras dos rios Madeira e Mamoré, em meados de julho de 1868, o trabalho de campo desses engenheiros consistia em “fazer levantamentos hidrográficos, hipsométricos e determinação de coordenadas geográficas a partir de observações astronômicas em uma região pouco mapeada” (Vergara, 2013, p. 86). Ao mesmo tempo, eles produziram desenhos e descrições dessa paisagem observada. A maioria desses trabalhos ocorria durante o ato de transpor as cachoeiras (Figura 1), tarefa realizada por 80 indígenas remeiros (Mojo e Canichana, contratados como guias ‘práticos’,

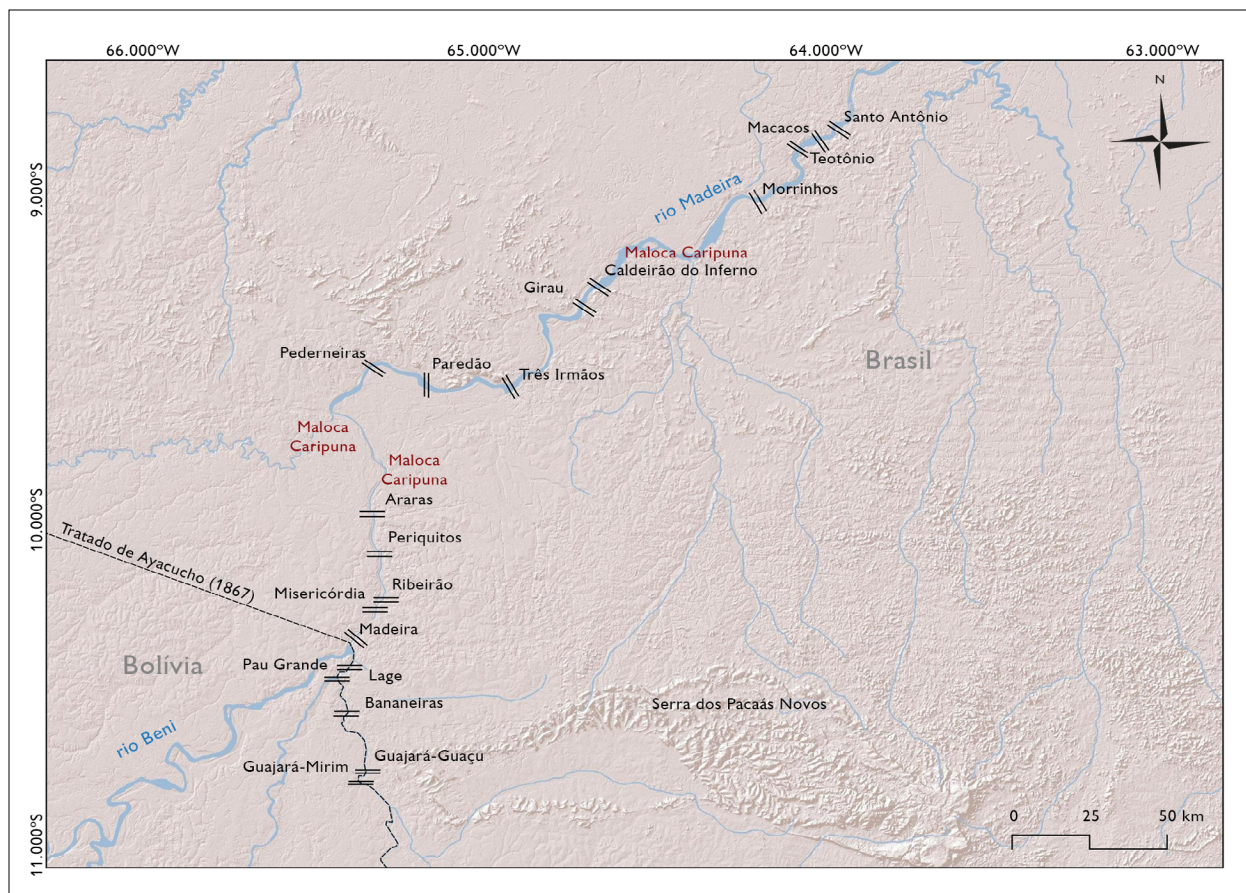
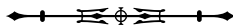


Figura 1. Cachoeiras e corredeiras e localização dos Caripuna no alto rio Madeira. Mapa elaborado pelos autores, com base em Keller-Leuzinger (1875).



que executavam o serviço de arrastar as embarcações por terra (varar) ou puxá-las pelas margens (sirgar) (Keller & Keller, 1870, pp. 2-3; Keller-Leuzinger, 1875, pp. 41-42). Além de representar obstáculos a serem vencidos, cada cachoeira tornava-se um ponto de chegada, uma parada que se abria para a observação da paisagem em terra (Ingold, 2022, p. 105).

Originários da missão de Exaltación, na Bolívia, os Mojo, falantes de uma língua da família Arawak, e os Canichana, de uma língua isolada (Crevels & van der Voort, 2008), encontravam-se naquele momento em um seringal em Crato, no médio rio Madeira, mas circulavam constantemente por esse rio em embarcações de comércio até Manaus. Esses indígenas certamente desempenharam um papel fundamental nessa empreitada, como evidenciam as descrições e litogravuras presentes na obra de Keller-Leuzinger (1875). Mesmo assim, permanece em aberto em que medida esses saberes foram compartilhados, uma vez que tais expedições comumente subordinavam esses conhecimentos em relações assimétricas de poder e dominação (Pratt, 1999). É possível afirmar que a escolha por tripulações indígenas e 'mestiças', consideradas as únicas aptas a enfrentar com segurança os perigos das cachoeiras, era tida como a mais adequada às incertezas que cercavam esse tipo de empreendimento (Villar, 2020).

Na abordagem da expedição dos Keller, interessa-nos especialmente a dimensão etnográfica e arqueológica das descrições sobre a região. As observações dos viajantes sobre as cachoeiras do alto rio Madeira vão além das características físicas, articulando narrativas sobre o passado e projetando variadas imagens da floresta, algumas delas contraditórias. Inserem-se em um jogo de ausências e presenças, no qual a paisagem é dotada de historicidade e moldada tanto por interesses científicos quanto pelos

imaginários coloniais. Esses elementos podem ser organizados em quatro eixos principais, são eles: 1) registros de destacamentos militares desativados, aldeamentos e antigas vilas destruídas por ataques indígenas ou epidemias, interpretados como traços de civilização abandonada; 2) a floresta é descrita como pristina, de acordo com um ideal de natureza que remete à estética do sublime, nos moldes de Alexander von Humboldt; 3) vestígios arqueológicos de petróglifos gravados em rochas, vistos como marcas de antigas intervenções humanas que conferem à paisagem um caráter arqueologizado; 4) referências a caminhos, aldeias ocupadas e abandonadas dos Caripuna, retratados ora como o arquétipo do indígena 'selvagem', ora como suficientemente 'domésticos' para serem aliados dos brasileiros no processo de colonização do rio Madeira.

As observações dos Keller constroem uma leitura da paisagem marcada por essas quatro camadas em sua narrativa, que articulam um projeto geopolítico de conhecimento e dominação. Uma primeira dimensão aparece nas ruínas e nos traços de civilização abandonada nas margens das cachoeiras, como no caso da antiga Missão da Cachoeira de Santo Antônio e da Vila de Nossa Senhora da Boa Viagem do Salto Grande<sup>5</sup>, destruídas pelos Mura no século XVIII, ou o destacamento militar de Ribeirão, desativado no início do século XIX, após o assassinato de seu comandante pelos Caripuna, em resposta às violências cometidas por ele contra os indígenas (Keller & Keller, 1870; Hugo, 1959; Pessoa & Costa, 2014). A essa paisagem desolada, também se associam doenças como a malária e os perigos de assaltos por indígenas ou levantes protagonizados por remeiros, episódios trágicos que compõem as histórias das cachoeiras, narradas por esses exploradores. Essas memórias ilustram um conjunto de imagens que a modernidade projeta sobre a Amazônia –

---

<sup>5</sup> A chamada Vila do Salto Grande foi fundada em 1757 pelo juiz de fora de Vila Bela, capital de Mato Grosso, Teotônio da Silva Gusmão, sobrinho de Alexandre de Gusmão. Estabeleceu-se com sua família à margem da maior queda d'água do rio Madeira, que mais tarde passaria a levar seu nome. A intenção era transformar o local em um entreposto comercial estratégico, dada sua posição entre as capitais das províncias do Mato Grosso e do Pará. No entanto, o assentamento durou apenas três anos, sendo abandonado pelos indígenas aldeados, os Pama, e em razão dos ataques dos Mura (Hugo, 1959, pp. 106-108).

vestígios de empreendimentos civilizatórios e traços fragmentados de uma segunda natureza morta –, onde as fronteiras entre o ordinário e o insólito, o habitado e o inóspito, homens e vultos tornam-se perigosamente tênues e ambíguas (Hardman, 1988, pp. 107-109).

Em outra camada, destaca-se a representação da natureza prístina como aparece nas descrições da Cachoeira de Girau, com plantas de cacau, palmeiras cobertas por trepadeiras e troncos suspensos sobre os pedrais, compondo, segundo Keller-Leuzinger (1875, p. 60), uma paisagem intocada pelas mãos humanas. A expedição documentou essa natureza nos moldes de Humboldt, como “um espaço devoluto e atemporal, ocupado por plantas e criaturas (algumas delas humanas), mas não organizadas em sociedades e economias: um mundo cuja história estava prestes a se iniciar” (Pratt, 1999, pp. 220-221).

Um terceiro aspecto dessa paisagem descrita pelos viajantes é a presença de vestígios arqueológicos, como os petróglifos, ainda que suas obras não sejam amplamente reconhecidas por tais registros. Trata-se da representação de uma paisagem pitoresca, uma floresta considerada primal, mas que abriga inscrições rupestres nos pedrais de granito. Essa ambivalência revela uma tensão recorrente na narrativa visual e textual da expedição: a presença de marcas culturais profundas em um cenário apresentado como intocado. Frequentemente, esses lugares transformados aparecem dissociados dos Caripuna que por eles transitam. Como observa Pratt (1999, p. 232), na tradição dos cientistas naturalistas do século XIX, a arqueologia, quando aplicada à história e à cultura indígenas, tende a revivê-las apenas como traços de um passado encerrado, como se pertencessem a uma realidade extinta.

Os registros dessas gravuras, assim como outros achados arqueológicos, foram utilizados em interpretações difusionistas, que direcionavam seu olhar para além desses lugares, em busca de sociedades que consideravam mais ‘civilizadas’ e, portanto, dignas de representar o projeto de nação do Brasil (Noelli & Ferreira, 2007). Esses vestígios são destacados nos pedrais das cachoeiras de Santo Antônio, Girau, Ribeirão, Madeira e Lages, revelados somente na estiagem. Na Cachoeira de Santo Antônio, durante o transporte das cargas, os Keller registraram desenhos de afiadores nos pedrais de granito, que acreditaram ser de origem extremamente antiga (Keller & Keller, 1870, p. 7; Keller-Leuzinger, 1875, p. 55)<sup>6</sup>. Em Ribeirão, Keller-Leuzinger (1875, pp. 66-67) documentou petróglifos em pedrais próximos ao nível do rio, em figuras de espirais, círculos e linhas, que, segundo ele, poderiam remontar ao período das conquistas dos incas ou anterior a elas. Esses vestígios reforçam a ideia de que a paisagem possuía uma profundidade histórica, embora sua antiguidade fosse dissociada dos povos indígenas contemporâneos.

Uma das duas aquarelas atribuídas a Franz Keller (1869a), intitulada “Resultados ethnographicos e archeologicos da Exploração do Rio Madeira: empreendida por ordem do Governo Imperial pelos engenheiros José e Franc<sup>o</sup> Keller”, retrata um indígena Caripuna e três painéis de petróglifos em pedrais das cachoeiras de Lage, Ribeirão e Caldeirão do Inferno (Figura 2). As representações variam sutilmente das litogravuras publicadas, sugerindo diversidade na produção dessas imagens. Apesar de, nas aquarelas, associar os petróglifos aos Caripuna, Keller-Leuzinger (1875) os considerava sofisticados demais para terem sido feitos por seus ancestrais.

<sup>6</sup> É preciso relativizar o que Keller-Leuzinger (1875) chama de “hieróglifos” que corresponderia, em tese, aos petróglifos. A este, especificamente da Cachoeira de Santo Antônio e que se repetirá em maior número em Teotônio (Keller & Keller, 1870, p. 7), optamos por chamar apenas de afiadores, por conta de suas características formais que aparecem em uma de suas aquarelas (ver Keller, 1869b), a qual diz que esses riscos seriam somente mais modernos do que aqueles encontrados na Cachoeira de Ribeirão. Os trabalhos arqueológicos do alto rio Madeira encontraram petróglifos sempre a montante da Cachoeira do Teotônio, enquanto afiadores ou polidores foram registrados em diversos pontos das últimas cachoeiras (Kipnis et al., 2013; Tizuka, 2013).



Figura 2. "Resultados ethnographicos e archeologicos da Exploração do Rio Madeira: empreendida por ordem do Governo Imperial pelos engenheiros José e Franc<sup>o</sup> Keller". Aquarela sobre papel, 31,9 x 48,4 cm, assinada e datada nos meses de agosto e setembro de 1868. Fonte: Keller (1869a).

Por fim, a presença indígena dos Caripuna é representada sob uma lógica ambivalente. São eles quem tomam a iniciativa de se aproximar dos Keller e, embora não fossem considerados pacíficos, desenvolveram relações amistosas naquele encontro. O olhar dirigido a eles é marcado por um exotismo visual e corporal: são descritos como fortes, portando dentes de capivara nas orelhas e tubos com penas vermelhas atravessando o nariz, o que lhes conferia uma aparência estranha mesmo quando comparados a outros povos. O relato menciona também que um dos jovens Caripuna se aproximou rapidamente em uma canoa de casca de jatobá, acompanhado por um

homem e uma mulher, seguidos por outras embarcações. Esse gesto inicial resultou em pequenas trocas e culminou em um convite rústico para visitar a aldeia, onde ofereceram mandioca doce aos visitantes (Keller & Keller, 1870, p. 9; Keller-Leuzinger, 1875, pp. 143-144).

A cena dessa aproximação está registrada na segunda aquarela (Figura 3) (Keller, 1869b), na qual se observa, na parte superior, a aproximação dos três Caripuna, enquanto nas laterais há seções detalhando a canoa de casca. Na parte inferior, um pedral de granito exhibe marcas de afiadores da Cachoeira de Santo Antônio. Esses detalhes não foram incluídos nas litogravuras da obra, mas não destoam da narrativa<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Essas são as únicas aquarelas conhecidas da expedição na região do alto rio Madeira, embora existam outras relacionadas à paisagem urbana de Manaus e aos indígenas Mojo em Exaltación, Bolívia. Esse material está salvaguardado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.



menor, aberta, reconhecida etnograficamente como casa dos homens. Foi nela que tomaram assentos e realizaram trocas, observando uma série de objetos em seu interior: redes, cestas, tambores, armas e urnas funerárias de cerâmica cobertas por pedras. Um incidente revelou o grau de respeito e admiração que eles tinham pelos mortos. Keller-Leuzinger tentou adquirir um instrumento sonoro<sup>8</sup> daquele recinto, mas um ancião explicou-lhe, imitando seu som e marchando solenemente, que o objeto era usado para lamentar os mortos e, portanto, não poderia ser trocado. Ele não esperava tamanha conduta de 'civildade' por parte de um 'selvagem'.

Os Caripuna, no entanto, não estavam restritos apenas àquela aldeia. Alguns deles foram vistos a montante da cachoeira de Caldeirão do Inferno, após caçarem antas (Keller & Keller, 1870, p. 9; Keller-Leuzinger, 1875; ver "Caripuna Indians with Tapir"), e outros indícios surgiram mais distantes, nas proximidades da foz do rio Abunã, onde se avistaram canoas de casca e uma trilha limpa, entre palmeiras de babaçu e bananeiras sororoca, que levava a uma aldeia recém-abandonada<sup>9</sup>. Segundo Keller-Leuzinger (1875, pp. 63-64), eles ocupavam essa região por ser livre de cachoeiras e oferecer abundância de caça e pesca. Esses relatos deixam entrever que a paisagem era, portanto, habitada e transformada de múltiplas maneiras pelas populações indígenas.

Por mais que essa natureza fosse frequentemente descrita sem uma história profunda, ela era vastamente habitada, apesar dos séculos de contato e despovoamento. Entre essas descrições, sem dúvida, destacam-se os registros etnográficos sobre os Caripuna, apenas um dos muitos povos que compunham as redes de relações nas cabeceiras do rio Madeira (Crevels & van der Voort, 2008; Vander Velden & Lolli, 2021).

Essa paisagem, marcada pela presença de falantes de línguas da família Pano, paradoxalmente, transformou os Caripuna em um emblema utilizado para projetar uma natureza com história para o lado brasileiro. Enquanto os etnônimos Chacobo e Pacaguara eram utilizados por viajantes para designar os indígenas do lado boliviano da fronteira, o termo Caripuna passou a funcionar como uma espécie de reivindicação territorial pelo Brasil. Os nomes desses povos estavam, portanto, imersos em interesses geográficos, econômicos e políticos, operando como expressões de projetos nacionalistas (Córdoba & Villar, 2009, 2011). Diante disso, a geografia e as ciências naturais atuavam como aparelhos discursivos de poder: a descrição da paisagem tornou-se não apenas um mecanismo de representação e definição territorial, essencial para a formação e consolidação dos Estados nacionais, mas também um cenário privilegiado para o avanço do capitalismo europeu em sua expansão colonial (Pratt, 1999, p. 154).

## PAISAGEM DE PESCA APÓS A TEMPESTADE

A aquarela "Cena de pesca após a tempestade", assinada por José Keller durante a expedição ao alto Madeira, permaneceu inédita por anos (Figura 4). Não há registros de sua menção nas publicações dos autores da época, embora a assinatura e a data inscritas indiquem que ela foi produzida em 20 de julho de 1868. Conforme o relato de José e Franz Keller (Keller & Keller, 1870, pp. 8-9), naquele dia, eles se encontravam na Cachoeira do Teotônio, onde tiveram que parar por três dias para que os Mojo varassem e construíssem embarcações. Nesse intervalo, os Keller realizaram observações astronômicas e hipsométricas, o que indica que essa é a paisagem retratada na aquarela.

<sup>8</sup> Pela descrição deste objeto, parece tratar-se de um zunidor, instrumento encontrado, por exemplo, no interior da casa dos homens Bororo e também utilizado durante rituais fúnebres (Novaes, 1986).

<sup>9</sup> Trilhas e caminhos estreitos, conhecidos como varadouros, assim como estradas largas, têm sido identificados entre os vestígios arqueológicos do alto Purus. Essa prática é comum entre os povos indígenas da Amazônia e parece ter uma longa persistência (Pessoa, 2024).



Figura 4. “Cena de pesca após a tempestade”. Aquarela sobre papel, 19 x 28,4 cm, assinada e datada de 20 de julho de 1868. Fonte: Keller (1868).

É preciso pontuar que a cena foi pensada da esquerda para a direita. Essa perspectiva, dominante na pintura histórica do século XIX, enxergava os quadros como livros a serem lidos. Embora não se pudesse esperar a reprodução de uma história total, como acontece em textos, os pintores geralmente buscavam plasmar parte dela na cena de um quadro, estabelecendo, no lado esquerdo, o prelúdio da ação e, no direito, o seu pleno desenvolvimento (Oliveira & Mattos, 1999, p. 123).

Parece ser essa a perspectiva arranjada na aquarela. Caso alguém se imagine dentro da cena, é possível perceber alguns componentes ao redor que engendram a noção de temporalidade da paisagem (Ingold, 1993). Sobre o alto do pedral de granito, que corre em declive para o rio, na margem direita, quem observa vê um céu azul como luz da paisagem. Ele está atravessado por um colorido arco-íris, que marca o fenômeno meteorológico responsável por dar

temporalidade à obra: ela acontece após a tempestade. A chuva resfriou o pedral quente, mas o dia ainda é abafado. As chuvas não são comuns nessa época do ano, uma vez que julho é o período do verão nessa região, quando o nível do rio Madeira começa a atingir cotas mais baixas. Assim, a cena continua a desvelar-se com dois urubus sobrevoando o céu habitado (Ingold, 2015, p. 124). Abaixo deles, outros seis encontram-se pousados no alto das rochas, posicionados de frente para um grupo de indígenas reunidos. Keller-Leuzinger (1875, pp. 100-101) explica que dezenas de urubus foram vistos aglomerados e imóveis sobre as rochas, observando os viajantes e poças d’água repletas de grandes peixes que tentaram, sem sucesso, subir a Cachoeira do Teotônio. Estes encontravam-se em diferentes estágios de decomposição, emitindo exalações pestilentas. Os oito indígenas reunidos não parecem se importar com o cheiro; eles conversam. Dois deles estão de pé, e os outros, sentados sobre o pedral.

Os homens olham para frente, onde está a cachoeira; um deles aponta na direção de dois indivíduos que caminham mais distantes, subindo os pedrais, carregando peixes. Debruçadas sobre si, as mulheres estão ocupadas em suas atividades; a do lado direito, possivelmente, segura entre os braços e pernas um bebê. Um indígena, sentado ao centro sobre algum objeto mais elevado, de pernas cruzadas e em uma posição de superioridade, parece trazer no peito um colar largo de miçangas (couraça), semelhante ao utilizado pelo primeiro Caripuna que intermediou o contato com os Keller (Keller-Leuzinger, 1875, p. 146, ver "Portrait of a young Caripuna Indian").

Nota-se que outros não humanos participam de perto dessas atividades, dispostos ao redor do grupo. Da esquerda para a direita, vê-se um cesto cargueiro de palha, um cachorro e uma pequena vasilha, possivelmente de cerâmica. Cestos cargueiros como esse foram mencionados por Keller-Leuzinger (1875), usados para transportar milho, mandioca ou bebês. Já a cerâmica, anteriormente descrita apenas em contextos funerários no interior da casa dos homens, agora aparece associada às atividades cotidianas, mostrando sua circulação pela paisagem. O cachorro, por sua vez, é o único elemento de origem ocidental na cena e reforça a ideia de espécies companheiras, evocando formas de convivência entre humanos e não humanos em contextos de relações multiespécies (Vander Velden, 2018; Haraway, 2022).

A continuidade da leitura da aquarela, no lado direito, mostra um grande tronco de árvore caído sobre o pedral, sugerindo que tenha sido carregado até ali pelas águas do rio Madeira durante o período de cheia. Keller-Leuzinger (1875, p. 55) relata ter visto um tronco desses ser arremessado pela Cachoeira do Teotônio como um graveto. Na parte mais baixa do pedral, dois indígenas, possivelmente um homem e uma mulher, sobem carregando peixes sobre um suporte. Eles foram retratados quase em miniatura, contrastando com as rochas e as águas revoltas da cachoeira. A perspectiva reflete o movimento de subida pelos pedrais em direção ao grupo

que está na parte mais alta. A topografia acidentada do pedral e sua superfície lisa impõe o ritmo do movimento das pessoas que sobem ou descem. Os Keller reconheciam a importância da pesca nesse lugar:

La abundancia de peces de varias clases en los remansos abajo del salto, se incalculable; y en cierta época del año se les puede pescar con arpones, en el momento en que se esfuerzan por vencer las caídas abajo del salto principal (Keller & Keller, 1870, p. 9).

Essa certa época corresponde a piracema, que ocorre nos meses de agosto, setembro e outubro, quando o verão amazônico atinge seu pico de estiagem. Nesse período, grande quantidade de peixes sobe o rio Madeira para desovar, encontrando nas cachoeiras uma barreira real, proporcionando pescas abundantes (Goulding, 1981, p. 43). No centro da aquarela, destacam-se as rochas escuras que formam a Cachoeira do Teotônio. Ali, as águas barrentas rompem violentamente contra os pedrais, produzindo espumas brancas e um som contínuo e estrondoso. Finalmente, ao fundo da cachoeira, o verde das vastas florestas compõe um horizonte distante, conferindo dimensão à grandiosidade da paisagem.

As atividades em si que a aquarela reflete não se encontram descritas nas obras dos Keller, como acontece com as duas aquarelas que são compassadas com a narrativa escrita (Keller, 1869a, 1869b). Mas as pessoas e coisas imersas na cena encaixam-se plenamente na observação e descrição que os autores fizeram dos indígenas e da Cachoeira do Teotônio. Não se compreende por que, na obra, o primeiro encontro dos Keller com os Caripuna data apenas de 25 de julho, a montante da Cachoeira de Morrinhos (Keller & Keller, 1870, p. 9), também documentado em litogravuras como "Our first interview with Caripunas Indians" (Keller-Leuzinger, 1875). Isso não significa que suas publicações sejam mais verídicas do que a aquarela. Tal dissonância gera três suposições sobre "Cena de pesca após a tempestade": 1) que o encontro realmente ocorreu, mas não foi registrado nos relatos; 2) que a cena foi idealizada



com base na experiência dos engenheiros; ou, 3) que a aquarela foi encomendada pelo imperador.

A primeira suposição se justifica pelo fato de que os Keller produziram aquarelas durante a expedição ao alto Madeira, que nem sempre estavam em total correspondência com seus relatos escritos. Algumas descrições ausentes no texto aparecem documentadas nessas representações visuais. É plausível que muitos encontros tenham se perdido na seletividade das narrativas, silenciados pela perspectiva dos naturalistas a serviço de impérios. Nesse sentido, a aquarela sugeriria que o encontro entre os Keller e o povo Caripuna ocorreu na Cachoeira do Teotônio, embora só seja mencionado em "Vom Amazonas und Madeira" no contexto a montante da Cachoeira de Morrinhos.

Na segunda suposição, a cena pode ser interpretada como de inspiração etnográfica, partindo-se do pressuposto de que os viajantes a tenham produzido com base na experiência de engajamento com a paisagem da cachoeira. Essa leitura aproxima-se da concepção desenvolvida por Lévi-Strauss (2012, pp. 39-43), segundo a qual o artista ocupa uma posição intermediária em relação ao cientista e ao *bricoleur*, entre a criação de estruturas e a apreensão de fatos, operando simetricamente, como em uma pintura que captura instantes. Ainda que, em geral, as obras de arte se organizem a partir de modelos em escala reduzida, elas realizam sínteses que articulam propriedades intrínsecas com aquelas condicionadas por um determinado contexto espacial e temporal. A aquarela em questão parece ocupar justamente esse espaço a meio caminho, compondo sínteses equilibradas ao unir conhecimentos díspares, ainda que nem toda obra de arte se enquadre nessa lógica.

Além disso, a imagem representa uma cadeia de atividades que envolve a pesca nos pedrais da cachoeira. O olhar etnográfico dos Keller conferiu visibilidade a uma breve temporalidade da paisagem do Teotônio (*cf.* Ingold, 1993), evidenciando sua dimensão interativa. Como destacam Ingold (2015) e Tilley (1994), a paisagem não é apenas um cenário estático, mas um ambiente dinâmico, onde som, cor, textura e odor ocorrem simultaneamente.

Isso se manifesta no movimento dos Caripuna, que habitam e transitam pelos itinerários das atividades de pesca, interagindo com outros seres. A aquarela, portanto, configura-se tanto como um documento histórico quanto como uma representação de inspiração etnográfica, materializando aspectos do cotidiano indígena.

Na última suposição, a cena pode ser compreendida dentro do contexto mais amplo das representações visuais patrocinadas pelo Império. A historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz (2003, p. 9, 2014, p. 393) explica que foram as representações dos indígenas, da natureza e do soberano que passaram a ocupar um papel dominante durante o século XIX, como símbolos escolhidos e incentivados por Pedro II como emblemas da nação. Pode-se dizer que esse processo de representação, iniciado ainda no período joanino, resulta das intensas mudanças políticas e culturais trazidas com a vinda da família real portuguesa ao Brasil. Ao longo dos anos, essas mudanças impulsionaram a chegada de pintores estrangeiros, que produziram todo um modelo de paisagens delineadas em uma natureza idealizada e antiga, concebida para ser cenário da embrionária identidade nacional (Schwarcz, 2009).

Esse modelo de pintura seria seguido, posteriormente, pelos naturalistas que estabeleceram pesquisas de campo na Mata Atlântica. Um lugar de destaque nessas expedições foi a Fazenda da Mandioca do barão de Langsdorff, para onde convergiram diversos naturalistas e pintores, que produziram importantes descrições e inventários, particularmente da "exuberância das paisagens". Paralelamente, uma política de aldeamento, orientada por frades capuchinhos, documentou agitadas perseguições aos povos indígenas por colonos (Amoroso, 2014, pp. 16, 27-28). No Segundo Reinado, essas imagens, especialmente pinturas históricas e fotografias, foram financiadas pelo monarca e produzidas por cientistas naturalistas em um contexto literário romântico, que explorava a figura do nativo como exótico, sobretudo do 'bom selvagem', transformado, assim, em ícone para motivar a construção de uma identidade nacional (Schwarcz, 2003, pp. 12-13).



A relação que Franz Keller-Leuzinger tinha com a nobreza imperial é evidenciada mais por seus escritos como engenheiro, e menos por suas pinturas, que destacam a 'natureza e seus naturais'. Como observou a historiadora Moema Vergara, vivendo na Alemanha em 1876, desde a publicação de "Vom Amazonas und Madeira", Franz endereçou uma carta a Pedro II durante sua passagem pela Alemanha. Ele tinha propostas pretensiosas para voltar ao Brasil: queria deixar de viver do trabalho artístico em sua terra natal para se dedicar a diversos negócios no Brasil. "Suas ambições empresariais rivalizavam com as científicas" (Vergara, 2013, pp. 82-83).

Não se pode negar, entretanto, a experiência dos exploradores em expedições realizadas aos rios Tibagi e Paranapanema, em 1857, e ao rio Ivaí, em 1865. Essas incursões resultaram em importantes registros etnográficos sobre os povos indígenas Guarani, Kaiowá, Botocudo e Coroados (Lovato, 1974; Tavares & Gomes, 2022). No Ivaí, os irmãos Franz e Ferdinand Keller produziram aquarelas de personagens importantes da trajetória histórica dos Coroados (Vergara, 2013, p. 82; Amoroso, 2014, pp. 186, 190). Cumpre frisar a estreita relação entre o ateliê fotográfico de George Leuzinger, sogro de Keller-Leuzinger, e a monarquia brasileira, bem como com outras figuras do cenário político imperial, por meio de diversas impressões de livros ilustrados e fotografias (Borges, 2008, pp. 191-192). Tal rede de vínculos sugere que a obra de Keller-Leuzinger possivelmente alcançou o círculo das elites dominantes, contribuindo para a construção de representações sobre os povos indígenas no imaginário imperial.

Retomando rapidamente o trabalho de Schwarcz (2014, pp. 421-22), a autora aponta três problemas em que os cientistas sociais comumente incorrem ao olhar para uma tela acabada, sem considerar seu contexto histórico e os processos de produção a ela vinculados. São eles: a) uma imagem pode ter múltiplos sentidos, e uma descrição direcionada em apenas um desses aspectos resulta no achatamento de seus significados; b) a relação de uma imagem com o passado pode estar muito distante da

nossa visão no presente; e c) observar imagens com uma perspectiva verista destitui a posição intelectual do autor.

Dessa forma, propomos destacar outro aspecto implicado nessa paisagem. O fato de a imagem documentar as atividades de pesca dos Caripuna na Cachoeira do Teotônio, um evento relativamente efêmero, nos leva da cena etnográfica para outras temporalidades da paisagem, construídas pela arqueologia e relacionadas à história indígena de longa duração (Almeida & Kater, 2017; Bsepalez et al., 2020; Kater, 2020; E. Neves et al., 2020; Watling et al., 2020). De muitas maneiras, Keller-Leuzinger esteve preocupado com essas questões em sua obra, concedendo às florestas, às plantas e aos petróglifos um certo arcaísmo, mas cuja história ele dissociava dos Caripuna. Rerler sua interpretação oitocentista à luz das mais recentes conclusões arqueológicas ativa nossa compreensão da profundidade temporal do ato de habitar as cachoeiras. É nessa direção que se manifestam outras tramas envolvidas na explicação dessa paisagem.

## FEIXES DE HISTÓRIA INDÍGENA

Linhas de vida, postula o antropólogo Tim Ingold (2015, pp. 111-13, 120-21, 2022), descrevem o fluxo de substância material em um espaço topologicamente fluido. Juntas e entrelaçadas, conformam a 'malha' emaranhada de vida, crescimento e movimento em um mundo de nascimentos contínuos. Nesse conceito, as vidas são vividas não dentro de lugares, mas através e no entorno deles, ao longo de caminhos em que o habitante, ao delinear seu percurso, também deixa trilhas. A essa existência situante, o autor acrescenta: "onde habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se à de outro. Cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó" (Ingold, 2015, p. 219).

Os lugares conformam nós atravessados por fios de peregrinação. Seguir as trilhas dessas linhas é como seguir o caminho dos Keller nas paragens das cachoeiras dos rios Madeira e Mamoré. Nesse movimento ao longo dos rios e

suas margens, diferentes sentidos sobre a paisagem foram apreendidos, ao mesmo tempo que os viajantes tentaram transmitir o retrato da natureza que presenciaram. Isso parte da descrição de sua fisionomia, que seria transformada em ciência. Tais viagens, desempenhadas principalmente por cientistas naturalistas, visavam não apenas ver os trópicos com os próprios olhos, mas fazer um caminhar imersivo pelas paisagens, sentindo e descrevendo essas impressões (Bailão, 2022).

Desse itinerário, em um engajamento perceptivo e material do ambiente (Ingold, 2015), as imagens da natureza extraídas têm rastros da presença indígena por toda parte, mas essa natureza muitas vezes é entendida como intocada. Para Keller-Leuzinger (1875, pp. 133-34; Vergara, 2013, pp. 89-90), a rica vegetação da zona tropical, com sua imensurável quantidade de plantas selecionadas, talvez não fosse resultado apenas do avanço de uma suposta civilização no passado. Segundo ele, apenas no México, na América Central e no Peru, os indígenas, referidos de forma pejorativa como 'peles vermelhas', teriam deixado de ser caçadores nômades para se tornarem pastores e agricultores. Assim, teriam alcançado outro nível na escala social, correspondente ao grau de civilização. Nas terras baixas, todavia, esses povos eram frequentemente descritos como grupos que viviam de forma dispersa na floresta, organizados em pequenas unidades ou 'hordas', dotadas de economia de subsistência baseada na caça e apenas um mínimo de atividade agrícola.

O cerne desse pensamento remonta à filosofia iluminista, especialmente à noção de 'estado de natureza', segundo a qual os agrupamentos humanos evitavam-se sistematicamente, motivados por um suposto medo da violência, o que se refletia em modos de vida mais solitários, em contraste com certas idealizações que projetaram um estado de inocência (Graeber & Wengrow, 2022, p. 81). Um dos reflexos dessa condição, segundo as interpretações de Carl von Martius, seria o grande número de línguas geradas pela dificuldade de comunicação entre esses povos, o que teria contribuído para mantê-los

virtualmente isolados. A hipótese defende que uma suposta civilização teria domesticado um conjunto de plantas no passado remoto, mas a situação autóctone dos indígenas resultou em um processo de degeneração sobre esse passado mais 'perfeito' que se diluiu ao longo de milhares de anos (Noelli & Ferreira, 2007, p. 1243). Keller-Leuzinger (1875, p. 135), no entanto, questionou essa ideia de civilização; em vez disso, se perguntou sobre a intencionalidade de uma influência antiga das "hordas selvagens" sobre as plantas, já que ele próprio havia testemunhado o cultivo de milho, tabaco, algodão, banana e mandioca ao redor de suas casas.

Pode-se inferir que, no centro do pensamento desses viajantes, transitava a ideia de 'zona tórrida', concebida antes de Humboldt. Inicialmente, essa noção idealizava os trópicos como inabitados, mas, com o avanço das viagens europeias por diferentes partes do Novo Mundo, começou-se a reconhecer a abundância desse ambiente, porém, os indígenas continuaram a ser enquadrados em um estágio de degradação e inferioridade inerente (Safier, 2014). Essa concepção foi denominada de "princípio da incompletude" por Eduardo Neves (2022, pp. 181-82), ao argumentar que as viagens de naturalistas e cientistas no século XIX foram responsáveis por forjar uma imagem anacrônica da história da Amazônia e de seus povos, frequentemente marcada por uma ênfase na ausência, na falta e na escassez.

Observamos esse ponto de vista, mais uma vez, em Keller-Leuzinger (1875 p. 67), quando, ao tomar notas a respeito dos petróglifos das cachoeiras, atribui a origem de tais figuras à "grandeza" das tradições incaicas, deixando, em tese, os Caripuna de fora da história mais "antiga" do alto rio Madeira, mais longe da civilização. Esse ceticismo radical é aparentemente desfeito nas aquarelas (Keller, 1869a, 1869b), onde pedrais, petróglifos, canoas de casca e cenas dos Caripuna aparecem lado a lado, organizadas em pranchas que, sob um olhar enviesado somente para as imagens, poderiam inverter muitas ideias dos seus escritos. Isso mostra que os elementos etnográficos e arqueológicos

tinham alguma implicação para pensar o passado desse lugar, ao mesmo tempo que poderiam operar como emblemas para criar um sentimento de nacionalidade. Ainda assim, os indígenas Caripuna eram, na ótica desses cientistas naturalistas, considerados 'preguiçosos' demais para terem sido os autores das figuras gravadas nos pedrais, uma concepção estereotipada que o etnólogo Koch-Grünberg (2010) continuaria a reproduzir décadas mais tarde.

A aquarela “Cena de pesca após a tempestade” foi construída sob esse pensamento pessimista a respeito das trajetórias indígenas. Mas, ao fazer o exercício de olhar para o texto e para a imagem dos viajantes, observa-se a própria antítese dessa visão colonialista, pois a cachoeira é um lugar de abundância que remete a uma dimensão histórica profunda. Ela foi ocupada por milênios pelos povos indígenas, que, como os Caripuna, habitaram e construíram essa paisagem em relações duráveis entre pessoas, peixes, plantas e outros seres.

É isso que nos mostram as pesquisas arqueológicas. Desde que o arqueólogo Eurico Miller (1992, 1999) registrou dezenas de sítios com terra preta na região das cachoeiras, a partir de 1977, começou-se a desenhar uma perspectiva segundo a qual o alto rio Madeira era visto como um centro de convergências culturais, reconhecendo a diversidade e a antiguidade dos vestígios indígenas, mas ainda sob um argumento dependente de preceitos do determinismo ambiental. Essa interpretação foi calcada principalmente em uma leitura do registro arqueológico como resultado de reocupações intermitentes, apesar dos espessos depósitos de solo fértil enriquecidos por atividades humanas, que formam uma longa sequência cronológica durante quase todo o Holoceno (E. Neves et al., 2020). Era uma conclusão baseada nos aspectos adaptativos da cultura, sempre orientada para uma relação de luta incansável dos povos indígenas contra a natureza.

Durante os últimos anos, esse passado tem sido reinterpretado a partir de uma série de evidências arqueológicas, analisadas sob a perspectiva da ecologia histórica. Esses estudos foram desenvolvidos no âmbito

de pesquisas acadêmicas, como o projeto “Alto Madeira”, conduzido pelo Laboratório de Arqueologia dos Trópicos, vinculado ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) (Almeida & Mongeló, 2020). Nessa abordagem, destacou-se que a paisagem do sítio Teotônio vem sendo construída há cerca de nove mil anos por comunidades portadoras de uma indústria lítica baseada em lascas de quartzo (Mongeló, 2020), as quais manipulavam uma série de plantas domesticadas e não domesticadas (Watling et al., 2018), que é, em si mesmo, um fenômeno antigo de habitar e transformar a paisagem da cachoeira. As evidências de terra preta nesses contextos são igualmente antigas, datando de cerca de seis mil anos, e associam-se à indústria lítica Massangana (Watling et al., 2018; Mongeló, 2020). Portanto, sabe-se que a formação precoce desse solo na bacia do alto rio Madeira está associada a processos de domesticação de plantas realizados pelas populações indígenas no passado (Clement et al., 2015; E. Neves, 2022; E. Neves et al., 2020; Watling, et al., 2020).

É possível supor que, ao longo do tempo, o ato de habitar e as interações sociais daí derivadas tenham se intensificado, conferindo ao panorama cultural da região contornos cada vez mais diversificados, moldados pela convivência entre grupos humanos com distintas tradições culturais e linguísticas. Evidências arqueológicas registradas para os últimos três milênios, como sucessões de artefatos cerâmicos associados a distintos conjuntos tecnológicos, instrumentos líticos e microvestígios botânicos preservados em espessos horizontes de terra preta, indicam a presença de marcadores cronoculturais em ambas as margens da Cachoeira do Teotônio (Almeida & Kater, 2017; Kater, 2020; E. Neves et al., 2020; Watling et al., 2020; Zuse et al., 2020). O sítio Santa Paula, situado na margem esquerda e investigado pelo Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia (DARQ/UNIR), preserva montículos construídos em meados do primeiro milênio da era comum. Esse período corresponde a uma fase de adensamento populacional

na região, marcada por transformações na paisagem (Bespalez et al., 2020).

Sabe-se que esse quadro de diversidade cultural ocorreu de modo mais intenso nas margens das cachoeiras e ilhas fluviais. No entanto, pode-se sugerir que tal diversidade era generalizada em todo o alto rio Madeira e seus afluentes em Rondônia, onde a diversidade linguística foi moldada ao longo do tempo por relações históricas (Moore & Storto, 2002; Crevels & van der Voort, 2008). Ao contrário do que alguns naturalistas pensavam, essa pluralidade linguística não atrapalhava a interação entre esses povos, pois essas relações provavelmente se deram dentro de sistemas regionais multiétnicos (Vander Velden & Lolli, 2021).

Portanto, Teotônio indica ser um lugar marcado pelas vivências indígenas, composto por inúmeras linhas de trilhas de existências que formam feixes e nós dessa longa história. Durante todo o Holoceno, os povos indígenas ocuparam permanentemente, ou com pouca descontinuidade temporal, as margens dessa cachoeira. Em outras palavras, as evidências arqueológicas sugerem um lugar de nascimentos contínuos (Ingold, 2015).

É interessante notar que essas pesquisas efetuaram correlações linguísticas, tal como a cerâmica Pocó-Açutuba e a cerâmica Barrancoide/Santo Antônio, assumidas como parte das diásporas Arawak; a cerâmica Jamari, como correlato dos povos da família linguística Tupi Arikém do rio homônimo; assim como a cerâmica Jatuarana da Tradição Polícroma da Amazônia, vinculada a grupos da família linguística Tupi-Guarani (Almeida, 2013; Almeida & Kater, 2017; Kater, 2020; Bespalez et al., 2020; Zuse, 2014). Só recentemente esses trabalhos incluíram os povos de língua Pano nessa discussão, sugerindo que a cerâmica Dionísio possa ser correlata de grupos falantes dessas línguas (E. Neves et al., 2020; Zuse et al., 2020), a qual ocorre em Teotônio, apresentando hibridismos na composição da pasta e na formação das vasilhas (Costa, 2022; Costa et al., 2023), o que decorre do quão multicultural podem ser esses contextos.

Nesse sentido, esperamos que as fontes visuais deixadas pelos Keller possam contribuir para enriquecer esse debate. A aquarela discutida representa apenas um traço dentro desse amplo feixe de histórias indígenas e levanta a instigante questão da presença dos Caripuna em Teotônio como uma importante expressão da presença Pano no alto Madeira, resistente a séculos de colonização. A imagem constitui uma contribuição inestimável para a história indígena, bem como para a própria construção da História do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aquarela “Cena de pesca após a tempestade” é uma fonte que permite reconstituir aspectos do cotidiano dos Caripuna na Cachoeira do Teotônio, mesmo que ela seja apenas um pequeno fragmento da expedição dos Keller. Esse exercício, que articula texto e imagem, revelou uma cena etnográfica pouco documentada para a região, contendo detalhes de tempo e lugar (Bleichmar & Schwartz, 2019), além de evidenciar a conexão destes povos indígenas a uma paisagem historicamente habitada. A proposta consiste, sobretudo, em retirar a aquarela da invisibilidade.

Dois pontos centrais emergem deste estudo: 1) a aquarela não é apenas uma ilustração subordinada ao texto, mas um documento histórico e etnográfico com autonomia interpretativa; e 2) a paisagem retratada faz parte do habitar indígena com uma longa história de transformação.

A obra dos engenheiros está inserida no contexto das expansões econômicas e nas tensões em torno das demarcações de fronteiras na Amazônia. O relato de viagem surge dessa demanda, transcrito sob a tradição da ciência natural oitocentista, que buscava descrever a natureza a partir de uma ótica eurocêntrica, na qual a floresta era representada como pouco modificada, justificando projetos de colonização.

A identificação do lugar retratado na imagem, por sua vez, contradiz essa natureza pristina e projeta a cachoeira como um lugar de múltiplas historicidades, onde o registro arqueológico aponta para uma sequência



de ocupações indígenas prolongadas (Almeida & Kater, 2017). A paisagem foi profundamente transformada por processos de domesticação de plantas e abriga evidências de ocupações contínuas desde o início do Holoceno, configurando-se como um centro de interação humana ao longo de milênios.

No século XX, a Cachoeira do Teotônio foi redesenhada por outros processos. O lugar passou a ser ocupado também por ribeirinhos pescadores, que, desde 1940, estabeleceram ali uma vila. A paisagem, marcada pela abundância de peixes e pelos férteis solos de terra preta, continuava atraindo pessoas para suas margens, reunindo moradores de Porto Velho e de localidades mais distantes para festivais de pesca realizados durante o verão (Almeida, 2013). Essa dinâmica, no entanto, foi radicalmente transformada em 2013, quando o licenciamento ambiental de duas hidrelétricas construídas sobre as quedas das cachoeiras do Caldeirão do Inferno e de Santo Antônio selou o destino da paisagem: as últimas dez cachoeiras, incluindo a do Teotônio, foram submersas sob os reservatórios. Ainda assim, alguns sítios arqueológicos com vestígios de longas ocupações indígenas permaneceram preservados em áreas mais elevadas.

O retorno da aquarela à Biblioteca Nacional representa a recuperação de um importante patrimônio. Apesar de ter sido produzida sob domínio colonial, ela reafirma o lugar público e coletivo que as imagens devem ocupar. Com ela, é possível também desemaranhar fios de narrativas, nas quais os Caripuna emergem como protagonistas. Esta leitura é apenas uma entre outras possíveis incursões pelas trilhas percorridas por cientistas naturalistas no século XIX. As fontes visuais e textuais deixadas por esses viajantes formam um acervo a ser lido, no qual a história indígena se revela como um campo vasto e dinâmico que precisa ser colocado em foco.

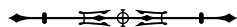
## AGRADECIMENTOS

Parte dos dados que fundamentam este trabalho foi apresentada na IV Reunião da Regional Norte da Sociedade

de Arqueologia Brasileira, realizada em Manaus, e no IV Seminário de Fronteiras das Amazônias, "Histórias, culturas e os desafios da oralidade", no Acre. Somos gratos aos debatedores e às questões levantadas, que contribuíram para amadurecer as reflexões aqui desenvolvidas. Agradecemos igualmente à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio à pesquisa, por meio do processo nº 2024/17478-5.

## REFERÊNCIAS

- Adelaar, W. F. H., & Brijnen, H. B. (2014). Johann Natterer and the Amazonian languages. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 6(2), 333-352. <https://doi.org/10.26512/rbla.v6i2.16285>
- Almeida, F. O. de. (2013). *A Tradição policroma no alto rio Madeira* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.71.2013.tde-17072013-140140>
- Almeida, F. O., & Kater, T. (2017). As cachoeiras como bolsões de histórias dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas. *Revista Brasileira de História*, 37(75), 39-67. <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n75-02a>
- Almeida, F. O., & Mongeló, G. (2020). Introdução: arqueologia dos 'pioneiros' e da diversidade do alto rio Madeira. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(2), e20190080. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0080>
- Amoroso, M. (2014). *Terra de índio: imagens em aldeamentos do Império*. Terceiro Nome.
- Apontes, S. A., & Kaxinawá, J. P. M. (2022). Vocabulário Karipuna - Pano: esboço de tabela fonética a partir de dados de Martius (1863) e Faria (1927). *Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades*, 1(1), 1-35. <https://doi.org/10.29327/210932.1.1-6>
- Baillão, A. S. (2022). *Tropicalidades múltiplas: as matas, os campos e as viagens naturalistas no século XIX* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-16022023-163744>
- Barreto, C. (2000). A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, (44), 32-51. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p32-51>
- Bespalez, E., Zuse, S., Pessoa, C., Venere, P. P., & Santi, J. R. (2020). Arqueologia no sítio Santa Paula, alto Madeira, Porto Velho/RO, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(2), e20190076. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0076>



- Bleichmar, D., & Schwartz, V. R. (2019). Visual History: the past in pictures. *Representations*, 145(1), 1-31. <https://doi.org/10.1525/rep.2019.145.1.1>
- Borges, V. P. (2008). O clã familiar Georges Leuzinger: negócios e afetos entre o Velho e o Novo Mundos (séculos XIX e XX). In E. Scarzanella, & M. R. Schpun (Eds.), *Sin fronteras: encuentros de mujeres y hombres entre America Latina y Europa (siglos XIX-XX)* (pp. 187-202). Ibero-Americana/Vervuert. <https://www.sudoc.abes.fr/cbs/DB=2.1//SRCH?IKT=12&TRM=134035038>
- Carneiro da Cunha, M. (1992). Política indigenista no século XIX. In M. Carneiro da Cunha (Org.), *História dos índios no Brasil* (pp. 133-154). Companhia das Letras. [https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/hist%3Ap133-154/p133-154\\_Cunha\\_Politica\\_indigenista\\_seculo\\_XIX.pdf](https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/hist%3Ap133-154/p133-154_Cunha_Politica_indigenista_seculo_XIX.pdf)
- Clement, C. R., Denevan, W. M., Heckenberger, M. J., Junqueira, A. B., Neves, E. G., Teixeira, W. G., & Woods, W. I. (2015). The domestication of Amazonia before European conquest. *Proceedings of the Royal Society: Biological Sciences*, 282(1812), 20150813. <https://doi.org/10.1098/rspb.2015.0813>
- Córdoba, L., & Villar, D. (2009). Etnonímia y relaciones interétnicas entre los panos meridionales (siglos XVIII-XX). *Revista Andina*, (49), 211-244. <https://hdl.handle.net/10278/5037983>
- Córdoba, L., & Villar, D. (2011). As estruturas de nomenclatura étnica na história dos panos meridionais. In E. C. Lima, & L. Córdoba (Orgs.), *Os outros dos outros: relações de alteridade na etnologia sul-americana* (pp. 109-118). UFPR. <https://shs.hal.science/halshs-01955178v1>
- Costa, A. F. (2022). *A construção social da paisagem do alto rio Madeira: ocupação pré-colonial nas ilhas fluviais, Rondônia* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Costa, A. F., Gomes, D. M. C., Munita, C., Kipnis, R., & Rizzutto, M. A. (2023). A produção da cerâmica no alto rio Madeira (séculos XI-XIII AD): uma abordagem das interações indígenas com a paisagem por meio das técnicas físico-químicas. *Revista de Arqueologia*, 36(2), 122-139. <https://doi.org/10.24885/sab.v36i2.1055>
- Crevels, M., & van der Voort, H. (2008). The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area. In P. Muysken (Ed.), *From linguistic areas to areal linguistics* (pp. 151-179). John Benjamins Publishing Company.
- Finotti, I. (2018, dezembro 3). Itaú Cultural devolve mais quatro obras que haviam sido roubadas da Biblioteca Nacional. *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/12/itau-cultural-devolve-obras-que-haviam-sido-roubadas-da-biblioteca-nacional.shtml>
- Fleck, D. W. (2013). *Panoan languages and linguistics*. American Museum of Natural History.
- Fonseca, D. R., & Zimpel Neto, C. A. (2013). *Caderno do CPARQH - Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Rondônia*. EDUFRO.
- Goulding, M. (1981). *Man and fisheries on an Amazon frontier*. The Hague/W. Junk Hingham.
- Graeber, D., & Wengrow, D. (2022). *O despertar de tudo: uma nova história da humanidade*. Companhia das Letras.
- Haraway, D. (2022). *Quando as espécies se encontram*. UBU.
- Hardman, F. F. (1988). *Trem fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. Companhia das Letras.
- Hugo, V. (1959). *Desbravadores* (Vol. I e II). Missão Salesiana.
- Ingold, T. (1993). The temporality of the landscape. *World Archaeology*, 25(2), 152-174. <https://doi.org/10.1080/00438243.1993.9980235>
- Ingold, T. (2015). *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Vozes.
- Ingold, T. (2022). *Linhas: uma breve história*. Vozes.
- Kater, T. (2020). A temporalidade das ocupações ceramistas no sítio Teotônio. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(2), e20190078. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0078>
- Kater, T., & Lopes, R. A. (2021). Braudel nas Terras Baixas: caminhos da Arqueologia na construção de histórias indígenas de longa duração. *Revista de História*, (180), a11720. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.174977>
- Keller-Leuzinger, F. (1875). *The Amazon and Madeira rivers: sketches and descriptions from the note-book of an explorer*. J.B. Lippincott and Company. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4995>
- Keller-Leuzinger, F. (1876, julho 1). Viagem d'exploração ao Amazonas e ao Madeira. *Ilustração Brasileira*, (1), 5-7. <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=758370&pagfis=5>
- Keller-Leuzinger, F. (1877). Encontro com os índios Caripunás. *O Vulgarizador*, (1), 7. <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=778010&Pesq=franz%20keller&pagfis=7>
- Keller-Leuzinger, F. (2021). *Os rios Amazonas e Madeira: esboços e relatos de um explorador*. Editora Dialética.
- Keller, F. (1868). *Cena de pesca após a tempestade*. [Aquarela]. Brasileira Iconográfica. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sem\\_titulo\\_da\\_Colecao\\_Brasiliana\\_Iconografica.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sem_titulo_da_Colecao_Brasiliana_Iconografica.jpg)



- Keller, F. (1869a). *Resultados ethnographicos e archeologicos da Exploração do Rio Madeira: empreendida por ordem do Governo Imperial pelos engenheiros José e Francº Keller* [Aquarela]. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/267525>
- Keller, F. (1869b). *Resultados ethnographicos e archeologicos da exploração do Rio Madeira: empreendida por ordem do Governo Imperial pelos eng.ros J. e F. Keller* [Aquarela]. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/46672>
- Keller, J., & Keller, F. (1870). *Exploracion del rio Madera en la parte comprendida entre la cachuela de San Antonio y la embocadura del Mamorè*. Imprenta de la Union Americana. <https://archive.org/details/exploracindelr00kell/page/n3/mode/1up>
- Kipnis, R., Santos, H. B. C., Tizuka, M. M., Almeida, M. J. G. T., & Corga, M. P. A. S. (2013). Aplicação das tecnologias de modelagem 3D conjugada às técnicas tradicionais para o registro das gravuras rupestres do rio Madeira, Rondônia, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 8(3), 605-619. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222013000300008>
- Koch-Grünberg, T. (2010). *Petróglifos sul-americanos*. MPEG.
- Leonel, M. (1995). *Etnodicéia uruêu-au-au: o endocolonialismo e os índios no centro de Rondônia*. Edusp. <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/uel00001.pdf>
- Lévi-Strauss, C. (2012). *O pensamento selvagem* (12 ed.). Papirus.
- Lovato, L. A. (1974). A contribuição de Franz Keller à etnografia do Paraná. *Boletim do Museu do Índio. Antropologia*, (1), 2-44. <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/contribuicao-de-franz-keller-etnografia-do-parana>
- Miller, E. T. (1992). Adaptação agrícola pré-histórica no alto rio Madeira. In B. J. Meggers (Ed.), *Prehistoria Sudamericana: nuevas perspectivas* (pp. 219-229). Taraxacum.
- Miller, E. T. (1999). A limitação ambiental como barreira à transposição do período formativo no Brasil: tecnologia, produção de alimentos e formação de aldeias no sudoeste da Amazônia. In P. Ledergerber-Crespo (Ed.), *Formativo Sudamericano, una revaluación* (pp. 335-343). Ediciones Abya-Yala. [https://downloads.arqueo-ecuadoriana.ec/ayhpwxgv/bibliografia/LedergerberCrespo\\_FormativoSudamericano.pdf](https://downloads.arqueo-ecuadoriana.ec/ayhpwxgv/bibliografia/LedergerberCrespo_FormativoSudamericano.pdf)
- Mongeló, G. Z. (2020). Ocupações humanas do Holoceno inicial e médio no sudoeste amazônico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(2), e20190079. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0079>
- Moore, D., & Storto, L. (2002). As línguas indígenas e a pré-história. In S. Pena (Org.), *Homo brasilis: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro* (pp. 63-82). FUNPEC. <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/homo-brasilis-aspectos-geneticos-linguisticos-historicos-e-socioantropologicos-da>
- Neves, E. G., Watling, J., & Almeida, F. O. (2020). A arqueologia do alto Madeira no contexto arqueológico da Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(2), e20190081. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0081>
- Neves, E. G. (2022). *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. UBU/Edusp.
- Neves, I. C. A., & Sanjad, N. R. (2021). Tráfico ilícito de bens culturais e a evasão do patrimônio bibliográfico e arquivístico brasileiro: o caso do furto à Coleção de Obras Raras do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Memória e Informação*, 5(1), 78-103. <https://memoriaeinformacao.casaruiaribosboa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/157>
- Noelli, F. S., & Ferreira, L. M. (2007). A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 14(4), 1239-1264. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000400008>
- Novaes, S. C. (1986). *Mulheres, homens e heróis: dinâmica e permanência através do cotidiano da vida Bororo*. FFLCH-USP. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:novaes-1986-mulheres>
- Oliveira, C. H. S., & Mattos, C. V. (Orgs.). (1999). *O brado do Ipiranga*. Edusp.
- Pessoa, C., & Costa, A. F. (2014). Um quadro histórico das populações indígenas no alto rio Madeira durante o século XVIII. *Amazônica: Revista de Antropologia*, 6(1), 110-139. <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v6i1.1751>
- Pessoa, C., Zuse, S., Costa, A. F., Kipnis, R., & Neves, E. G. (2020). Aldeia circular e os correlatos da ocupação indígena na margem esquerda da Cachoeira de Santo Antônio. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(2), e20190083. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0083>
- Pessoa, C. (2024). *Cruzando fronteiras: arqueologia das estradas no interflúvio Madeira-Purus* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.71.2024.tde-11072025-121720>
- Pratt, M. L. (1999). *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. EDUSC.
- Ramirez, H. (2010). Etnônimos e topônimos no rio Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 2(2), 13-58. <https://doi.org/10.26512/rbla.v2i2.16223>
- Safier, N. (2014). The Tenacious Travels of the Torrid Zone and the global dimensions of geographical knowledge in the eighteenth century. *Journal of Early Modern History*, 18(1-2), 141-172. <https://doi.org/10.1163/15700658-12342388>
- Schwarcz, L. M. (2003). A natureza como paisagem: imagem e representação no Segundo Reinado. *Revista USP*, (58), 6-29. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i58p6-29>



- Schwarcz, L. M. (2009). Paisagem e identidade: a construção de um modelo de nacionalidade herdado do período joanino. *Revista Acervo*, 22(1), 19-52. <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/98>
- Schwarcz, L. M. (2014). Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. *Sociologia & Antropologia*, 4(2), 391-431. <https://doi.org/10.1590/2238-38752014V425>
- Tavares, A., & Gomes, V. (2022). A Casa Leuzinger e o olhar germânico sobre a paisagem brasileira. In M. V. Ferreira Jr., & R. Cardoso (Orgs.), *O olhar germânico na gênese do Brasil: coleção Geyer - Museu Imperial* (pp. 97-205). Museu Imperial. [https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2023/05/virtual\\_OlharGermanico\\_72dpi.pdf](https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2023/05/virtual_OlharGermanico_72dpi.pdf)
- Tilley, C. (1994). *A phenomenology of landscape: places, paths and monuments*. Berg. <https://pt.scribd.com/document/458340077/TILLEY-1994-A-Phenomenology-of-Landscape-Places-Paths-and-Monuments>
- Tizuka, M. M. (2013). *Geoarqueologia e paleohidrologia fluvial da planície aluvial holocênica do alto rio Madeira entre Porto Velho e Abunã-RO* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho]. <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/f345d9e5-861b-4535-8dcf-5eac4045234a>
- Vander Velden, F. (2018). Os primeiros cachorros: encontros interétnicos e multiespecíficos no sudoeste da Amazônia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 33(97), 1-23. <https://doi.org/10.1590/339713/2018>
- Vander Velden, F., & Lolli, P. (2021). Das áreas culturais às redes de relações: os sistemas regionais ameríndios em análise. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB*, (94), 1-57. <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/521>
- Vergara, M. R. (2008). Ensaio sobre o termo “vulgarização científica” no Brasil do século XIX. *Revista Brasileira de História da Ciência*, 1(2), 137-145. <https://doi.org/10.53727/rbhc.v1i2.396>
- Vergara, M. R. (2013). A exploração dos rios Amazonas e Madeira no Império brasileiro por Franz Keller-Leuzinger: imprensa e nação. *Almanack*, 1(6), 81-94. <https://doi.org/10.1590/2236-463320130606>
- Villar, D., Córdoba, L., & Combès, I. (2009). *La reducción imposible: las expediciones del padre Negrete a los pacaguaras (1795-1800)*. Instituto de Misionología.
- Villar, D., Córdoba, L., & Combès, I. (2010). Un documento sobre los panos meridionales en el Mojos jesuítico (1753). *Revista Andina*, (50), 231-245. <https://shs.hal.science/halshs-01952901/document>
- Villar, D. (2020). Un país de remadores: canoas, monterías y batelones en el boom del caucho (Amazonía Boliviana, 1870-1920). *Anuario de Historia de America Latina*, 57, 294-323. <https://doi.org/10.15460/jbla.57.196>
- Watling, J., Shock, M. P., Mongeló, G. Z., Almeida, F. O., Kater, T., Oliveira, P., & Neves, E. G. (2018). Direct archaeological evidence for Southwestern Amazonia as an early plant domestication and food production centre. *PLoS ONE*, 13(7), e0199868. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0199868>
- Watling, J., Almeida, F., Kater, T., Zuse, S., Shock, M. P., Mongeló, G., Bepalez, E., Santi, J. R., & Neves, E. G. (2020). Arqueobotânica de ocupações ceramistas na Cachoeira do Teotônio. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(2), e20190075. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0075>
- Wilke, V. C. L., & Antunes, A. P. (2012). Imagens da ciência brasileira: a produção iconográfica do artista viajante oitocentista. *Revista Brasileira de História da Ciência*, 5(1), p. 194-209. <https://doi.org/10.53727/rbhc.v5i1.289>
- Zuse, S. (2014). *Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no alto rio Madeira, Rondônia* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-25092014-124246>
- Zuse, S., Costa, A. F., Pessoa, C., & Kipnis, R. (2020). Tecnologias cerâmicas no alto rio Madeira: síntese, cronologia perspectivas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(2), e20190082. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0082>

#### CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

C. Pessoa contribuiu com conceituação, investigação e escrita (rascunho original, revisão e edição); e A. F. Costa com conceituação e escrita (rascunho original, revisão e edição).

#### DADOS DA PESQUISA

Os dados não foram depositados em repositório.

#### PREPRINT

Não foi publicado em repositório.

#### AValiação POR PARES

Avaliação duplo-cega, fechada.



